

REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.<sup>o</sup>

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Tathoba — Lisboa • Telephone:?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## OS POLÍTICOS

Outro dia, no Conservatório, jú, as guardas pretorianas que saiu de uma assemblea de políticos mais um partido, a ajudar os inúmeros que para aí dizem existir, pois que tam pouca é sua actividade que por completo passam despercebidos. Chamou-se Partido Republicano Liberal; antes do seu aparecimento oficial, houve nos arredores políticos grosso bulício, procurando-se ligar o fúndor grupelhos por completo apóstolos, não por quaisquer ideais nobres, mas pelas mesquinhias intrigas movidas para a conquista do ambicionado poder. Os profissionais da política andaram numa roda viva e no grangeio de adesões bastantes canceiras apanham, canceiras que, de resto, não resultariam inúteis desde que o novo partido breve ascenda às altas regiões oficiais.

Agora, que se constituiu um partido que, jactando-se de ser um forte organismo, não encontra menor eco na opinião pública, portanto se nos oferece o momento para uma rápida análise à situação e vitalidade dos partidos políticos.

A política estava desacreditada tempo de monarquia, e, exceção feita aos republicanos, todas outras facções tinham uma vaidade amorfa, tirando quase todos os elementos de vida dos favorecidos do Poco e não entretendo reações, com a grande massa popular, acréscimo do arranjo de coligações nas hostes burocráticas e concessões de quaisquer outros benefícios. Quando surgiu a República, então sim, os partidos saídos encontraram bom terreno e atmosfera propícia; tiveram, durante algum tempo, quem os sustasse, quem os atacasse e quem os seguisse através de tudo, dando nas suas figuras mais emolévo novos Messias que a estorbava torra, lacrada pelas discordias intestinas, trariam a paz abundância há muito ambiciosa. A multidão confiava neles os que lhe diziam francamente se não deixassem ludibriar pelos políticos, que, sem distinção de estilos, lhe seriam sempre perniciosos, eram mal recebidos, sendo suas palavras por poucos entendidas. Foi um feriado alegre, para os que da politiquice do coscovilhico das ante-câmaras oficiais sabem viver. Mas brevemente passou. As esperanças populares evaporaram-se rapidamente. A situação económica dos que trabalham não só não ficou na mesma, mas ainda se agravou de forma pavorosa, sem que os dólidos atentasse nos sofrimentos da turba e lhes procurasse dar rápido remédio e com pasmo viu a polícia com os que os comens que estremecia, esses homens que do alto dos tablados dos comelos tinham ensinado a amar Liberdade e a entrar pela Igualdade, mandavam avançar contra o, sempre que se rebelava e a força pública descia em tumulto proclamando aquilo a que tinha

E' a do conhecido historiador e professor francês Aulard sobre a Revolução russa:

"Quanto a mim, o meu coração não é bolxevista, mas eu raciocino. Dizem-me que os bolxevistas não são democráticos porque não estabelecem um sufrágio universal.

"A Revolução francesa também foi feita por uma minoria ditatorial. Foi sob a forma de sovietes que ela se desenvolveu, e não apenas nos seus inícios. Os comitês municipais de 1789, e depois os comitês revolucionários, empregaram processos que por toda a parte, na Europa e no mundo, faziam dizer que os franceses eram bandidos.

"Não há revolução que não seja outra duma minoria. Quando me veem dizer que há uma minoria que terroriza a Rússia, em compreendo-o assim: a Rússia está em revolução.

Não sei o que se passa; mas lembra-me que, na nossa Revolução francesa, tivemos, como na Rússia, que repelir uma intervenção armada, depois de, como na Rússia, termos sido emigrados. E' eu perguntar ento se não foi tudo isto que à nossa Revolução deu o caráter violento que ela teve. Se na Europa de então a reação não tivesse decidido e praticado intervenções, não teríamos tido o Terror, não teríamos talvez derramado sangue, ou bem pouco tecramos veredito.

Porse querido obstar ao desenvolvimento da Revolução francesa é que é tudo despedaçado.

"Vejo-me obrigado a registrar que, quanto mais se intervém militarmente, mais forte parece tornar-se o bolxevismo. Muitos sei eu que perguntam se o bolxevismo, deixado em paz, não se tornaria menos perigoso. E' não parece que pensem mal!"

O Congresso da República reuniu-se amanhã. E' solene a reunião, tam solene que o trage de casaca se torna obrigatorio, mas apenas para os membros da mesa e não para todos os congressistas, algus dos quais estamos em crer que também não andarão muito opulentos de farpela. Mas, em suma, já com as casacas do presidente e dos secretários conseguirá obter-se um certo efeito scénico e decorativo, assim se revestindo da necessária solemnidade do acto a consumar, o qual acto vem a ser a posse do novo presidente da República. Não falando do sr. Teófilo Braga, é já este o quinto presidente que a República tem nos seus nove anos de vida. Não teve grande conta de si, vamos lá com Deus, os nossos estimáveis presidentes da República. De modo que a série parece enguiçada, o primeiro da tendo morrido às mãos, ou melhor, aos pés dos seus correligionários, e tendo um outro sido desterrado, a tiro, desta vida para outra melhor.

Essa saudação dizia o seguinte:

"Na guerra ignobil imposta à Rússia revolucionária, acham os Soviéticos um conôrto moral na vossa solidariedade.

"A transformação social é certa. O proletariado italiano deu a sua adesão à terceira Internacional. A vós cumpre solidarizar-vos com a Revolução socialista que ultrapassa o quadro da nação, canta o hino Revolucionário.

Este saudação dizia o seguinte:

"A Comuna de Paris foi esmagada pelo militarismo franco-prussiano, pela falta de solidariedade entre os roletários.

"Os próprios cegos vêm agora que a burguesia é incapaz de aliviar a miséria e pensar as feridas.

"A tomada do poder pelo proletariado porá fim às guerras, removendo as suas causas, para o proletariado, em comunhão manual e intelectual; é chegada a hora.

"Viva a República comunista mundial, que se poderia ter feito no concelho de Mértola com tam preciosas somas! Que linda e generosa obra de educação social poderá ter-se levado a efecto!

Nos termos expostos, teremos de ficar nisto: As cooperativas de consumo serão vistas com indiferença pelos homens de princípios livres, sempre que não tenham em mira um ponto brilhante, embora distanciado ainda; e, em sentido diferente, serão entusiasmaticamente impulsionadas logo que tenham o fim consciente atraçado referido. Bem sei que a revolução se faz com armas. Mas só poderá ter continuidade com fortes e abundantes consciências. Criemos consciências, pois, por meio da escola razional, que pode espalhar-se pela Terra com o produto monetário das cooperativas.

O proletariado de todos os países é, pois, unânime na defesa do socialismo em ação na Rússia. O povo trabalhador compreende que se trata da sua própria causa e que não há actualmente, como disse Smilie em Glasgow e Monatte repetiu em Lião, "questão operária" mais importante do que a defesa da revolução russa.

Esta unanimidade de sentimentos, prontos enfiar para actuar, fez-se a despeito dos esforços da imprensa burguesa, que procura dividir o proletariado, deturpa as declarações dos militantes revolucionários e trata de fazer supor que os há favoráveis à intervenção burguesa na Rússia!

Trabalhadores de Itália! Conselhos de privilégios e parassitismos que ele serve e satisfaz; conserva-los prontos para dissipar o nosso céu todas as nuvens ameaçadoras, ainda que para isso tenhas que derribar este odioso regime de exploração e de violência, que põe todos os dias em perigo o progresso e o desenvolvimento da humanidade e da civilização

## NOTAS & COMENTARIOS

### Socialismo de salão

Roberto Vaucheur, antabolxevista, escreve de Varsóvia para um jornal de Paris:

"Quando, por volta da uma da madrugada, Madame Paderevska, fazendo com encantadora amabilidade as horas da sua casa, me convidou a passar para os aposentos particulares do presidente do conselho, onde, disse-me ela, a gente moça a poder dançar, fizquei estupefacto ao ver acudirem ali numerosos deputados da extrema esquerda, que se refestelavam com bons sorrisos, mas muito pouca graça, nas portas do vasto salão branco.

Começou, então, a desagregação dos partidos da República. Depois, as lições do tempo, as continuações e criminosas convulsões revolucionárias provocadas por políticos e que encharcavam a terra de sangue, deslindaram as grandes multidões, definitivamente. Os partidos políticos voltaram a ser o que eram nos tempos do regime deposto há nove anos: Clientelas ávidas e sem escrúpulos que se traduziam sistematicamente numa grande maioria para o partido que ocupasse o poder.

Por isso, triste futuro auguramos ao Partido Republicano Liberal.

Já os dissemos, mesmo. E gente velha, velhos são os processos, as ideias velhas são. Nada fará. Mas vai o tempo para os políticos; eles estão desacreditados, e as suas palavras e os seus actos não encontram o menor eco simpático entre as multidões. Estão liquidados, a sua época passou, passaram os seus tempos assim.

Agora, a Humanidade tem novos horizontes, preocupa-se em questões de mais alto interesse que pertencem a melhor sociedade, parecendo um pouco assustadas. Mas tudo corre com infinito bom-humor, e aqueles excelentes homens, um pouco tocos, perdidos numa recepção mundana, foram sem dúvida, as pessoas que mais se divertiram ali."

E enquanto estes "socialistas" valsam e divertem a alta roda com as suas mananeiras de arribistas, os socialistas a valer são perseguidos pela gente do governo, os bolxevistas russos são atacados pelas tropas polacas, e o povo, que não vai os bailes ministeriais, sente a falta das coisas mais necessárias.

**Uma opinião interessante**

E' a do conhecido historiador e professor francês Aulard sobre a Revolução russa:

"Quanto a mim, o meu coração não é bolxevista, mas eu raciocino. Dizem-me que os bolxevistas não são democráticos porque não estabelecem um sufrágio universal.

"A Revolução francesa também foi feita por uma minoria ditatorial. Foi sob a forma de sovietes que ela se desenvolveu, e não apenas nos seus inícios. Os comitês municipais de 1789, e depois os comitês revolucionários, empregaram processos que por toda a parte, na Europa e no mundo, faziam dizer que os franceses eram bandidos.

"Não há revolução que não seja outra duma minoria. Quando me veem dizer que há uma minoria que terroriza a Rússia, em compreendo-o assim: a Rússia está em revolução.

Não sei o que se passa; mas lembra-me que, na nossa Revolução francesa, tivemos, como na Rússia, que repelir uma intervenção armada, depois de, como na Rússia, termos sido emigrados.

E' eu perguntar ento se não foi tudo isto que à nossa Revolução deu o caráter violento que ela teve. Se na Europa de então a reação não tivesse decidido e praticado intervenções, não teríamos tido o Terror, não teríamos talvez derramado sangue, ou bem pouco tecramos veredito.

Porse querido obstar ao desenvolvimento da Revolução francesa é que é tudo despedaçado.

"Vejo-me obrigado a registrar que, quanto mais se intervém militarmente, mais forte parece tornar-se o bolxevismo. Muitos sei eu que perguntam se o bolxevismo, deixado em paz, não se tornaria menos perigoso. E' não parece que pensem mal!"

**De casaca**

O Congresso da República reuniu-se amanhã. E' solene a reunião, tam solene que o trage de casaca se torna obrigatorio, mas apenas para os membros da mesa e não para todos os congressistas, algus dos quais estamos em crer que também não andarão muito opulentos de farpela.

Abandonai, prestes, o mundo que o deu, e deixa de lado o que é de sua responsabilidade, abala fortemente os alicerces carcomidos da pútrida organização burguesa, soltando os seus clamores de guerra sem trégua a todos os privilegiados e entoando os seus hinos, pelas ruas da capital. E' no povo trabalhador, nos seus sindicatos, que está a vida, a atividade, a energia.

Os políticos, quando muito, são vagas e esfumadas figuras que ficam no teatro da luta de classes, sem que os contendores delas se apercebam, sem que qualquer rumo imprimam nos destinos do mundo.

Porse querido obstar ao desenvolvimento da Revolução francesa é que é tudo despedaçado.

"Vejo-me obrigado a registrar que, quanto mais se intervém militarmente, mais forte parece tornar-se o bolxevismo. Muitos sei eu que perguntam se o bolxevismo, deixado em paz, não se tornaria menos perigoso. E' não parece que pensem mal!"

**O tratado de paz**

O parlamento francês ratifica-o

PARIS, 2. — A camara aprovou a ratificação do tratado de Versailles por 372 votos contra 53. H.

**E' ratificado a convenção militar inter-aliados**

PARIS, 2. — O projecto de lei, ratificando a convenção militar feita entre a França, a América e a Inglaterra foi aprovado pela unanimidade de 501 votos.

**Em domado — demasiados são os interesses de privilégios e parassitismos que ele serve e satisfaz; conserva-los prontos para dissipar o nosso céu todas as nuvens ameaçadoras, ainda que para isso tenhas que derribar este odioso regime de exploração e de violência, que põe todos os dias em perigo o progresso e o desenvolvimento da humanidade e da civilização**

Assinado pelo Partido Socialista Italiano e pela Confederação Geral do Trabalho, e datado de Roma, 20 de Setembro, foi espalhado na Itália o seguinte manifesto:

**Trabalhadores de Itália!** Como se não bastasse os tristes leigos da guerra para atormentar a vida do proletariado, constrangendo a uma luta de greves industriais e agrícolas para defesa dos salários que o privilégio patrimonial vai reduzindo insidiosamente com nova arrogância, enquanto o Governo anuncia que o preço do pão será elevado a uma lira o quilo, desafia-se no horizonte italiano uma nova ameaça.

Uma fracção de problemas nacionais que a guerra não soube resolver (que problemas resolviu ela, já não sem os complicar com outros mais intrincados e insolubéis?) deu pretexto a novos restos do militarismo, que tanto dura, e que se rebela e a entra pela Igualdade, mandavam avançar contra o, sempre que se rebelava e a força pública descia em tumulto proclamando aquilo a que tinha

Manifesto dos socialistas italianos

Assinado pelo Partido Socialista Italiano e pela Confederação Geral do Trabalho, e datado de Roma, 20 de Setembro, foi espalhado na Itália o seguinte manifesto:

**Trabalhadores de Itália!** Como se não bastasse os tristes leigos da guerra para atormentar a vida do proletariado, constrangendo a uma luta de greves industriais e agrícolas para defesa dos salários que o privilégio patrimonial vai reduzindo insidiosamente com nova arrogância, enquanto o Governo anuncia que o preço do pão será elevado a uma lira o quilo, desafia-se no horizonte italiano uma nova ameaça.

Uma fracção de problemas nacionais que a guerra não soube resolver (que problemas resolviu ela, já não sem os complicar com outros mais intrincados e insolubéis?) deu pretexto a novos restos do militarismo, que tanto dura, e que se rebela e a entra pela Igualdade, mandavam avançar contra o, sempre que se rebelava e a força pública descia em tumulto proclamando aquilo a que tinha

Manifesto dos socialistas italianos

Assinado pelo Partido Socialista Italiano e pela Confederação Geral do Trabalho, e datado de Roma, 20 de Setembro, foi espalhado na Itália o seguinte manifesto:

**Trabalhadores de Itália!** Como se não bastasse os tristes leigos da guerra para atormentar a vida do proletariado, constrangendo a uma luta de greves industriais e agrícolas para defesa dos salários que o privilégio patrimonial vai reduzindo insidiosamente com nova arrogância, enquanto o Governo anuncia que o preço do pão será elevado a uma lira o quilo, desafia-se no horizonte italiano uma nova ameaça.

Uma fracção de problemas nacionais que a guerra não soube resolver (que problemas resolviu ela, já não sem os complicar com outros mais intrincados e insolubéis?) deu pretexto a novos restos do militarismo, que tanto dura, e que se rebela e a entra pela Igualdade, mandavam avançar contra o, sempre que se rebelava e a força pública descia em tumulto proclamando aquilo a que tinha

Manifesto dos socialistas italianos

Assinado pelo Partido Socialista Italiano e pela Confederação Geral do Trabalho, e datado de Roma, 20 de Setembro, foi espalhado na Itália o seguinte manifesto:

**Trabalhadores de Itália!** Como se não bastasse os tristes leigos da guerra para atormentar a vida do proletariado, constrangendo a uma luta de greves industriais e agrícolas para defesa dos salários que o privilégio patrimonial vai reduzindo insidiosamente com nova arrogância, enquanto o Governo anuncia que o preço do pão será elevado a uma lira o quilo, desafia-se no horizonte italiano uma nova ameaça.

Uma fracção de problemas nacionais que a guerra não soube resolver (que problemas resolviu ela, já não sem os complicar com outros mais intrincados e insolubéis?) deu pretexto a novos restos do militarismo, que tanto dura, e que se rebela e a entra pela Igualdade, mandavam avançar contra o, sempre que se rebelava e a força pública descia em tumulto proclamando aquilo a que tinha

Manifesto dos socialistas italianos

Assinado pelo Partido Socialista Italiano e pela Confederação Geral do Trabalho, e datado de Roma, 20 de Setembro, foi espalhado na Itália o seguinte manifesto:

**Trabalhadores de Itália!** Como se não bastasse os tristes leigos da guerra para atormentar a vida do proletariado, constrangendo a uma luta de greves industriais e agrícolas para defesa dos salários que o privilégio patrimonial vai reduzindo insidiosamente com nova arrogância, enquanto o Governo anuncia que o preço do pão será elevado a uma lira o quilo, desafia-se no horizonte italiano uma nova ameaça.

Uma fracção de problemas nacionais que a guerra não soube resolver (que problemas resolviu ela, já não sem os

## INTERESSES DE CLASSE

Marinheiros e Moços da Marinha

Merrante

Camaradas. — No nosso jornal *A Batalha*, n.º 212 de 27 do p. vêm a Asso-  
ciação dos Inscritos Marítimos fazer afirmações em público, que, por não serem verdadeiras, nós Marinheiros e Moços, não poderíamos deixar passar sem que fizéssemos os nossos reparos, aliados a um justo protesto de quem pugna sempre pela verdade, contra quem tam aleivosamente deturpa a clá-  
rea dos factos.

Assim, principiamos por dizer, que todos conhecem a verdade, que a Asso-  
ciação dos Inscritos Marítimos, quando da sua fundação, não foi com este nome que o governo lhe aprovou os Estatutos, mas sim, com a denominação de «Associação de Classe dos Cozinheiros e Criados Marítimos Portugueses», sendo estes reformados em 1911, com a de que atualmente usa, um dia, os fundadores da Associação de Marinheiros e Moços, houveram por bem, em face de continuas desinteli-  
gências ali sucedidas, organizar-se em um sindicato a que deram o título com que há três anos se vem afirmando, pre-  
rente todas as outras organizações, quer terrestres quer marítimas.

Se temos feito bom ou mau trabalho, dentro e perante os organismos operários, é caso para ser discutido em as-  
sembleas próprias, ou dentro da nova reorganização da Federação Marítima, onde então, sem escrúpulos e dogma-  
tismo, por personalidades, se definirá a sem razão de continuarem como estão os Inscritos Marítimos, mas sim, com o primitivo título de Cozinheiros e Criados, o que, para bem de toda a organi-  
zação proletariana, a Federação Marítima e a Confederação Geral do Traba-  
lho, deverão tomar em consideração para que, desde já, encete os trabalhos necessários e envide seus esforços, a fim de se solucionar este conflito, por vaidades de pessoas ou castas.

Que não seja no deserto que nós lan-  
cemos o apelo aqui feito.

A Cesar o que é de Cesar... — A Di-  
reção.

## Fiscais especuladores

Procurou-nos o sr. Alfredo José Ma-  
cário, serventário da Alfândega, con-  
tando-nos que, junto à estação de Al-  
cântara Terra, estava sendo vendida batata ao preço legal quando no local compareceram uns seis fiscais de subsi-  
dências, parece que no intuito de efec-  
tar uma apreensão, o que não fizeram,  
visto a venda estar decorrendo dentro das normas da tabela oficial. Nesta  
conformidade, os fiscais compraram  
uma avultada quantidade de batata,  
tratando de ir revende-la numa tabe-  
ra próxima, cujo dono empregou ban-  
janças, a preços muito mais elevados.  
Diz-nos o sr. Macário que foi esse caso  
presenciado por muitas pessoas que in-  
dignadamente atentaram no procedi-  
mento dos fiscais, comentando-o, como  
é de calcular.

## Companhia do Papel do Prado

## Papel mais barato que sai mais caro

Há dias que pagamos o papel mais barato, mas saímos mais caro porque cada jornal de 4 páginas que devia pesar o máximo 22 gramas, pesa 23 a 24 gramas, o que dá em resultado termos dias de gastar um importante excedente de quitos com a tiragem da «Batalha». Como isto nos causa um grande prejuízo, pedimos à Direção da Companhia do Papel do Prado que dê as suas or-  
dens para o papel ser feito com o peso da tabela.

representa quebra de solidariedade pa-  
ra com os seus camaradas prisonei-  
ros.

Esta comissão teve conhecimento que os camaradas que foram tratar de afastar o camarada António Peixe, preso na cadeia de Almada, lhes surgi-  
ram dificuldades nesse sentido o que ainda não poderiam efectuar ontem, es-  
perando que hoje isso seja resolvido.

Hoje foram restituídos à liberdade alguns dos jovens sindicalistas, presos no governo civil a que noutro lugar aludimos.

Continuam ainda detidos nas esqua-  
dras das Mónicas e Beato os camaradas ultimamente presos em massa na sede da C. O. T. onde podem ser visitados por suas famílias.

Para tratar deste momento assumiu-  
to o encontro do director da polí-  
cia de segurança do Estado uma sub-  
comissão desta.

Continuam presos na cadeia de Ode-  
mira, sem serem julgados, os camara-  
das rurais do Vale de S. Tiago, para satisfação dos lavradores do mesmo concelho, que, acintosamente, com o auxílio das autoridades locais, assim pro-  
cedem.

Foram entregues a esta comissão as seguintes quantias para os presos por questões sociais: Da secção de Belém (Construção Civil), 15\$00; do camara-  
da José Machado, \$30; de uma queite efectuada no Congresso Nacional Operário de Coimbra, 25\$40. Total, 40\$70.

Pede-se aos camaradas que sejam postos em liberdade a fineza de ao me-  
nos participarem a esta comissão, que só existe para tratar da libertação dos mesmos.

Como de costume, esta comissão reúne-  
se hoje, às 21 horas, na sede da C. O. T.

Os autocratas  
da Indústria

O sr. Manuel de Freitas do Entronca-  
mento, relatando as inauditas violen-  
cias de que tem sido vítimas os ser-  
vidores mecânicos que trabalham na casa Tomás da Cruz & Filhos, da Praia do Ribeiro, diz-nos o seguinte:

«Toda esta gente tem tido sempre uma vida violentíssima, num esforço constante de 10 horas de trabalho, sen-  
do muitos deles atingidos pela tuber-  
culose e, depois de sacrificarem no ser-  
vicio a sua capacidade física, é-lhes di-  
minuído o salário apesar de já bastante escasso, pois os serradores ganham ape-  
nas 99\$ diários e os ajudantes \$65 e \$70 sem mais regalia alguma a não ser o fornecimento de géneros por uma mercearia, em condições de qualidade e preço idênticas às de qualquer outra casa, mas a que pomposamente cha-  
mam *Cooperativa*, muite embora os lucros revertam, única e exclusivamente, a favor daquelas industriais, os quais,

## Classes gráficas

Há grande entusiasmo entre os gráficos, pelos im-  
portantes melhoramen-  
tos a introduzir na sua  
sede

Dirigiram as direções dos sindicatos gráficos às respectivas classes um apêndice com o fim de obter recursos para, na sua sede, se proceder a uma radical transformação, tornando-a o mais atraente e confortável possível.

Nun manifeste largamente distribui-  
do por todas as oficinas, expunham as  
direções o seu vasto programa de me-  
lhoramentos que, numa forma digna de registo, foi bem acolhido pelos grá-  
ficos que ao seu apelo tem correspon-  
do com grande entusiasmo. Isto prova-  
o bom espírito sindical que todos os  
gráficos se sentem possuidos e o seu grande amor à associação de classe.

Muito necessário se tornava que a sua sede, tam deficiente em comodidades, lograsse um dia atingir o desenvolvimento que as direções se propõem levar à prática com o concurso valioso de toda a classe. Pediam as direções a todos os sindicatos um dia de trabalho que, para ser mais suave, será pago em quatro prestações semanais, no que foram bem sucedidas, em virtude das in-  
úmeras adesões que tem recebido e que demonstram incitamento a um tanto útil como necessária melhoria, e que de um modo bem nitido, acaba de ser secundado pela grande maioria dos grá-  
ficos.

Esperam as direções de todos os que até à presente data ainda não corres-  
ponderam ao seu apelo, que em breve secundarão também com o seu esforço o daqueles que prontamente se mani-  
festaram.

Para esse efeito reúne hoje a comis-  
são delegada das direções, na sede, a  
fim de recolher as cotizações e prestar quaisquer esclarecimentos referentes ao assunto.

Que não seja no deserto que nós lan-  
cemos o apelo aqui feito.

A Cesar o que é de Cesar... — A Di-  
reção.

## A Bandeira Vermelha

SEMANÁRIO COMUNISTA

Está publicado o 1.º número

• • •

Transferência de presos

A notícia que ontém demos da trans-  
ferência de presos de João Maria Ma-  
cário, Amaro Pereira e Arsénio José Fi-  
lipe, salu errada, pois todos estes ca-  
maradas se encontram no grupo B do  
Limeiro, para onde foram transferi-  
dos doutros grupos.

## Vida cara e difil

Soma e segue... o bacalhau  
pôdre

O agente de fiscalização, sr. Francis-  
co Maria d'Almeida, acompanhado do  
guarda cívico 1014, José Quirino Jesus,  
apreendeu na mercearia na rua da Glori-  
a, 43, pertencente a Gabriel Mateus,  
um costal de bacalhau impróprio para  
consumo público. Compareceu o sub-  
delegado da saúde, dr. Fernandes Costa,  
que mando inutilizar o bacalhau e remo-  
vê-lo para o guano.

... mais feijão impróprio para con-  
sumo

O subdelegado da saúde dr. Ferreira da  
Costa, mando inutilizar duas sacas de  
feijão impróprio para consumo, que  
estavam a vender na mercearia na rua do  
Paraiso, 110, pertencente o José dos  
Santos.

Apreensão da manteiga

Os agentes de fiscalização Ivo Fer-  
reira e Luís Neves, tendo conhecimento  
de que a firma Almeida & Silva, rua de  
S. Paulo, 7, vende manteiga ao preço de  
35\$00 o kilo, em vez de 25\$00, como  
precisa a tabela, apanharam, em fla-  
grante delito, vendendo uma lata de 10  
kilos por 35\$00, tendo-lhes sido  
apreendidos mais 90 kilos no valor de  
18\$00, que tinham num armazém de  
bacalhau, sendo a multa a aplicar de  
1\$00\$00.

Mais bacalhau pôdre para o norte

Informa-nos o camarada Tomás Domingos de Oliveira que o já afamado  
negociante de bacalhau pôdre, Manuel  
Caetano Alves, em vista das dificulda-  
des que encontra em fazer seguir a sua  
mercadoria pelo caminho de ferro, re-  
solvia expedí-la para o norte pelo

Zaire.

E' possível que o consiga se os ca-  
maradas marítimos estiverem pelos  
ajustes, mas o camarada Tomás de Ol-  
iveira lembra ao «honrado bacalhuseiro»  
que no norte também há ferrovários  
desejos de mostrar que não se es-  
quecem.

• • •

Ainda a greve fer-  
roviária

Nota oficiosa do Sindicato

Os membros da comissão de inquérito  
a propósito do assalto ao Crémio Lu-  
sitano, recentemente nomeada, estiveram  
ontem reunidos no ministério do interior,  
afim de trocarem impressões  
acerca dos trabalhos que vão encetar.  
A comissão toma posse no dia 7 do

corrente, que lhe será conferida pelo

sr. Edmundo de Oliveira.

*Escrivários*: — Giambeta Neves, Ar-  
mando Massano, Aires da Conceição, Daniel Nunes Godinho, António Bar-  
bosa Júnior, Carlos Silva, Octávio B.  
de Carvalho, Mario Tavares Costa, Ma-  
nuel Braamcamp de Melo, Alberto Lamarão, Mário Belo de Carvalho,  
Eduardo T. Moreira, Alberto Cunha e Silva, João R. Fontes, Berto Pires, António A. Mata, Francisco Rosa, Galino Marques, Nuno Saldanha, Carlos Carneiro, Ricardo Campos, Augusto José da Silva e João Manuel Novo (co-  
gido a pedir a demissão pela autorida-  
de militar).

*Pessoal de combóios*: — Joaquim V. Inverno, Ma-  
nuel da Silva Ferrinho e Arménio da Silva.

*Movimento*: — Mário da Silva, j. D'Ol-  
iveira Fonseca, Domingos Atalaia, Ma-  
nuel das Neves, Graciano Ferreira Ven-  
tura, Carmelinda Augusta Pires, Isaura F. Dias, José Marques Vieira (Setil).

*Oficinas*: — Aníbal Ferreira, Tomás D. de Oliveira e José Maria (Ovar).

*Via e Obras, etc.*: — Albino Pais, António Maria, Francisco C. dos Santos, Sébastião Nunes, Joaquim Cardoso, António Sabino, César Augusto, Alberto Bento, Eduardo Alves, António D'Ol-  
iveira; Angelina da Conceição, Carlota Joaquina Marques, António Lopes, Maria Teresa, Alexandre H. Madeira, (total 54).

*Personal de oficinas*: — Jaime Neves da Fonseca, Joaquim V. Inverno, Ma-  
nuel da Silva Ferrinho e Arménio da Silva.

*Movimento*: — Mário da Silva, j. D'Ol-  
iveira Fonseca, Domingos Atalaia, Ma-  
nuel das Neves, Graciano Ferreira Ven-  
tura, Carmelinda Augusta Pires, Isaura F. Dias, José Marques Vieira (Setil).

*Oficinas*: — Aníbal Ferreira, Tomás D. de Oliveira e José Maria (Ovar).

*Via e Obras, etc.*: — Albino Pais, António Maria, Francisco C. dos Santos, Sébastião Nunes, Joaquim Cardoso, António Sabino, César Augusto, Alberto Bento, Eduardo Alves, António D'Ol-  
iveira; Angelina da Conceição, Carlota Joaquina Marques, António Lopes, Maria Teresa, Alexandre H. Madeira, (total 54).

*Personal de oficinas*: — Jaime Neves da Fonseca, Joaquim V. Inverno, Ma-  
nuel da Silva Ferrinho e Arménio da Silva.

*Movimento*: — Mário da Silva, j. D'Ol-  
iveira Fonseca, Domingos Atalaia, Ma-  
nuel das Neves, Graciano Ferreira Ven-  
tura, Carmelinda Augusta Pires, Isaura F. Dias, José Marques Vieira (Setil).

*Oficinas*: — Aníbal Ferreira, Tomás D. de Oliveira e José Maria (Ovar).

*Via e Obras, etc.*: — Albino Pais, António Maria, Francisco C. dos Santos, Sébastião Nunes, Joaquim Cardoso, António Sabino, César Augusto, Alberto Bento, Eduardo Alves, António D'Ol-  
iveira; Angelina da Conceição, Carlota Joaquina Marques, António Lopes, Maria Teresa, Alexandre H. Madeira, (total 54).

*Personal de oficinas*: — Jaime Neves da Fonseca, Joaquim V. Inverno, Ma-  
nuel da Silva Ferrinho e Arménio da Silva.

*Movimento*: — Mário da Silva, j. D'Ol-  
iveira Fonseca, Domingos Atalaia, Ma-  
nuel das Neves, Graciano Ferreira Ven-  
tura, Carmelinda Augusta Pires, Isaura F. Dias, José Marques Vieira (Setil).

*Oficinas*: — Aníbal Ferreira, Tomás D. de Oliveira e José Maria (Ovar).

*Via e Obras, etc.*: — Albino Pais, António Maria, Francisco C. dos Santos, Sébastião Nunes, Joaquim Cardoso, António Sabino, César Augusto, Alberto Bento, Eduardo Alves, António D'Ol-  
iveira; Angelina da Conceição, Carlota Joaquina Marques, António Lopes, Maria Teresa, Alexandre H. Madeira, (total 54).

*Personal de oficinas*: — Jaime Neves da Fonseca, Joaquim V. Inverno, Ma-  
nuel da Silva Ferrinho e Arménio da Silva.

*Movimento*: — Mário da Silva, j. D'Ol-  
iveira Fonseca, Domingos Atalaia, Ma-  
nuel das Neves, Graciano Ferreira Ven-  
tura, Carmelinda Augusta Pires, Isaura F. Dias, José Marques Vieira (Setil).

*Oficinas*: — Aníbal Ferreira, Tomás D. de Oliveira e José Maria (Ovar).

*Via e Obras, etc.*: — Albino Pais, António Maria, Francisco C. dos Santos, Sébastião Nunes, Joaquim Cardoso, António Sabino, César Augusto, Alberto Bento, Eduardo Alves, António D'Ol-  
iveira; Angelina da Conceição, Carlota Joaquina Marques, António Lopes, Maria Teresa, Alexandre H. Madeira, (total 54).

*Personal de oficinas*: — Jaime Neves da Fonseca, Joaquim V. Inverno, Ma-  
nuel da Silva Ferrinho e Arménio da Silva.

*Movimento*: — Mário da Silva, j. D'Ol-  
iveira Fonseca, Domingos Atalaia, Ma-  
nuel das Neves, Graciano Ferreira Ven-  
tura, Carmelinda Augusta Pires, Isaura F. Dias, José Marques Vieira (Setil).

*Oficinas*: — Aníbal Ferreira, Tomás D. de Oliveira e José Maria (Ovar).

*Via e Obras, etc.*: — Albino Pais, António Maria, Francisco C. dos Santos, Sébastião Nunes, Joaquim Cardoso, António Sabino, César Augusto, Alberto Bento, Eduardo Alves, António D'Ol-  
iveira; Angelina da Conceição, Carlota Joaquina Marques, António Lopes, Maria Teresa, Alexandre H. Madeira, (total 54).

# A BATALHA

no Porto

ários carpinteiros. Por fim a proposta foi aprovada.

Os carregadores e descarregadores de terra e mar ocupam-se dos vidreiros de Amora e protestam contra a prisão dos jovens sindicistas

Para efeitos de propaganda associativa e de interesses de classe, reuniram-se os carregadores e descarregadores de terra e mar do Porto e Vila Nova de Gaia. Aproveitando o ensejo, ocuparam-se do indigno procedimento usado pelos donos das fábricas de Vila Nova de Gaia para com os seus operários, infânia que já dura há longos meses. Ao mesmo tempo que manifestaram a sua repulsa por tão repugnante atentado contra o direito à vida, resolvem não descascar toda a matéria prima que se destine à fábrica nova de Rego Lameiro, montada, propostamente, para prejudicar os vidreiros de Amora, e, portanto, não atender as suas reclamações, perseguindo-os.

Protestaram igualmente contra as arbitrárias prisões dos jovens sindicistas, os estúpidos assaltos efectuados pelas autoridades aos sindicatos operários e os maus ininterruptos dos assambadores e envenenadores do povo.

O Porto em maré de infelicidades

— Os desastres e suas causas

Decididamente, esta cidade está em maré de infelicidades. Apesar de actualmente ter a dentro dos seus muros invictos o santo e venerando bispo, Leão, que já decreto devoção benzido este burgo, os desastres vão-se sucedendo a miude.

O choque dos eléctricos, já a conhecido pelos telegramas da Flava, retumbou da mesma forma como quando cairam, há anos, alguns carros da Carris ao Rio Douro. Apesar não houve suplementos, por a ocorrência ser de tarde. Este acidente desagradável deu a alevantar-se nova questão contra a Companhia dos Severianos, que, preocupada com o sustento dos seus passageiros, não se incomoda com a miséria do seu material em circulação; porco, desengonçado, pôde, gasto, enfim, um montão de madeira e ferrovelho em andamento.

Raro é o dia em que não recolham, avariados, escangalhados, bastantes eléctricos. Ora a corrente eléctrica não chega, ora incendeia as carrispas e quem os passageiros. Passados, porém, os sustos, a passageira sensibilidade e o comodismo do público motivados pelo desastre, tudo volve ao esquecimento anterior, e as velhas carroças eléctricas continuam a ser um divertimento do rapaz que se junta quando eles resolvem não andar. Felizmente, a imprensa limitou-se, por assim dizer, a narrar só o estado dos feridos, os praguinhos materiais, a emoção da cidade... e quanto às verdadeiras causas, ao facto dos travões se partirem, etc., não valeu a pena falar nisto. A noite, uma carroça qualquer também bateu, na rua Santa Catarina, de encontro a um rapaz, molestando-o, pelo que teve de encarar-se a uma farmácia próxima. Hoje, para seguimento da fita, na rua de Cedofeita, caiu um boi às covas abertas devido ao sancamento, morrendo. Santo Deus!...

## As 8 horas

O primeiro conflito originado pelo decreto-Burla

Na oficina de correio da calçada de D. Gastão, 34, trabalham vários operários, entre elos, José Augusto Alves Ferreira, Custodio Alves, Luís Monteiro, António Joaquim Costa e José Domingos Barreiros, que abandonaram a certa altura o trabalho dizendo estar em vigor o horário das 8 horas. Porém, como um seu companheiro continuasse a trabalhar, voltaram a oficina e que cavasse, molestando-o, pelo que teve de encarar-se a uma farmácia próxima. Hoje, para seguimento da fita, na rua de Cedofeita, caiu um boi às covas abertas devido ao sancamento, morrendo. Santo Deus!...

O U. S. O. enviou-me a seguinte notícias: «Os industriais e comerciantes, colocados na sua intransigente selvática ganância, não desistem da posição, friamente premeditada, contra o decreto e regulamento das oito horas tradicionalmente reclamadas. Revidos a uma guerra tenaz, dispostos, outrora, a um mais absoluto deserto pelas leis que os possam afeitar nos seus chorudos interesses, espalham, entre as camadas proletárias, o medo, o exemplo indisciplinar, como o deputado de saídos que os dois intendentes tem mais audácia e mais rancor. Os governos, que tão energicos curam mostrando-se diante das classes trabalhadoras, pretendendo os seus melhores elementos e espadagando os que prestam contra as arbitrariedades da dem, curvam-se perante as conspirações nos meandros industriais e comerciais, acondiando mais uma a execução das oito horas. Vê-se, então, que há um firme propósito de brincar com os que trabalham, ou acinete, ou porquê temem das ameaças constantes dos senhores da alta indústria e do grosso comércio — talvez para uma e outra coisa. Nestas condições, a U. S. O. protesta indignamente contra tão pusilâme resolução governamental e contra os manejos reacionários dos comerciantes e industriais, quais, desejando ver o mais completo divisorio entre Proletariado e República, assim o vão conseguindo, visto as classes produtoras devem preparar-se para a sua defesa, lutando intensamente contra todos os seus inimigos, partindo de onde partirem, para que a U. S. O. incita a que elas conquistarem as suas regalias fiscais e económicas que jamais decretaram lhes outorgaria voluntariamente.»

Traido pelos companheiros

Deu ontem entrada num cabalogo do governo civil Franklin Duarte que, a U. S. O. protesta indignamente contra tão pusilâme resolução governamental e contra os manejos reacionários dos comerciantes e industriais, quais, desejando ver o mais completo divisorio entre Proletariado e República, assim o vão conseguindo, visto as classes produtoras devem preparar-se para a sua defesa, lutando intensamente contra todos os seus inimigos, partindo de onde partirem, para que a U. S. O. incita a que elas conquistarem as suas regalias fiscais e económicas que jamais decretaram lhes outorgaria voluntariamente.

carpinteiros resolvem continuar na luta

Os operários carpinteiros, que há mais de 10 dias se conservam na luta salarial mínima, tiveram uma nova reunião magna, travando-se acesa discussão a propósito da intransigência da maioria dos mestres, apesar o que fizera o prosseguimento do movimento à satisfação das reclamações. Onze, à noite, na sua respectiva sede sócio-técnica, também houve uma reunião dos dos da Cooperativa dos Carpinteiros para se pronunciarem sobre qual o modo a seguir em face da questão entre os carpinteiros e os mestres. Para a mesa foram envias das postas no sentido daquela Sociedade cooperativa aumentar \$30 centavos aos seus operários, isto em consequência da maioria dos mestres ainda não terem dado entrada na reunião, aí de que a mesma defesa é apropriada.

Os processos disciplinares, cujas decisões não tiveram dado entrada na reunião do gabinete do ministério da guerra, também foram resolvidos sem as mesmas defesas.

A questão da C.U.F.

Informam-nos da Arcada:

O governador civil de Lisboa confroncou ontem com o presidente do ministério, ainda a propósito do caso do edital da câmara municipal do Barreiro sobre matéria de impostos diretos. Segundo consta, o sr. Sá Cardoso conseguiu um acordo entre os industriais daquela concelho e a câmara, que vigorará até que os tribunais competentes se pronunciem sobre o assunto.

Malas postais

São hoje expedidas malas postais pelo vapor Minho, para Cabo Verde e Guiné, e amanhã pelo Funchal para os Açores e pelo India, para a Madeira, África Ocidental e Oriental. A última tiragem da Caixa Geral é às 9 horas.

BERNARDINO NUNES

Gurgi-dentista

Reabriu o consultório, Rua da Pal-

40, 1.º

## SINDICATOS

da PROVÍNCIA

## As greves

### Os corticeiros de Castelo Branco

Sindicato Único da Construção Civil d'Almada. — Reuniu a assembleia geral extraordinária, para apreciação do relatório dos delegados aos Congressos de Coimbra. Foi notificada à Assembleia a ultima violencia do sr. Sá Cardoso, encarcerando mais uma centena de trabalhadores, entre elles o camarada Vitor Martins, nosso delegado juntamente da Federação. Como esse camarada era o detentor do relatório, ficou sem efeito o fim para que sessão fosse convocada. Fez uso da palavra o camarada Zácarias, que classificou de ridícula a atitude do governo perante as juventudes. Na mesma ordem de ideias falou André Valente, que historiou o motivo por que hoje se encontra conscientemente envolvido no provimento operário. Atirado para a prisão aos 16 anos, saiu de lá mais revolucionário que quando para lá entrou. Afirmando que o sr. Sá Cardoso é por este motivo, o maior propagandista da ação revolucionária. Seguiu-se José Ventura que, depois de acusar os assaltos dos oradores antecedentes, atacou a fundo o jornal *O Combate*, pela propaganda nefasta que ele vem fazendo contra o jornal *A Batalha*, *ipso facto* contra toda a organização operária que devem unir as organizações operárias de todo o país, para que a primeira ocasião possamos, devidamente, combater os senhores que assaltaram o poder, a burguesia que estão sempre à espreita do momento oportuno para nos espinhinharem.

Os recrutados chegaram aqui no sábado de madrugada e as comissões de vigilância, ao temer conhecimento do que se passava na fábrica, tentaram proceder ao carregamento dum comboio que se destinava exclusivamente ao carregamento de cortiça da fábrica Távora, não podendo fazer por intermédio da Guarda Republicana, sempre disposta a intervir nos conflitos operários em defesa do capital.

Em vista disto, os camaradas mais bravos não poderam evitá-lo que alguns carregadores, raspadores e reparadores pegassem no trabalho.

A noite reuniram na respectiva associação os que não haviam retomado o trabalho, e foi resolvido, por escrito, no horário de vigília, que devem unir as organizações operárias de todo o país, para que a primeira ocasião possamos, devidamente, combater os senhores que assaltaram o poder, a burguesia que estão sempre à espreita do momento oportuno para nos espinhinharem.

Um bocadinho mais de boa vontade e tudo conseguia, camaradas.

Por achá curioso e bastante interessante vos deixamos a um cuso passado, entre um padeiro e um sapateiro da grande cidade bogeana:

Nunca os últimos dias da semana passada, dirigindo-se certo trabalhador do mar a um sapateiro da ruia Luis de Camões, a fim de que lhe colocasse um salto numa das botas que aqueles usam no serviço do mar e a que o nome de bota de água, exigiu-lhe que a bota de água fosse executada, o trabalho como pagamento, e sujeitando-a ao pagamento da borgagem que montava a alguns milhares de escudos quantia esta que levou de casa desse seu país, perdendo-a no jôgo da roulette, tentando, depois, pôr termo à sua existência.

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse ganhar, o que?

Por devesse ganhar, o que?

Si o devesse perder, o que?

Por devesse perder, o que?

Si o devesse gan

N.º 219 de A BATALHA Folhetim N.º 23

# O CALVÁRIO

POR  
OCTAUE MIRBEAU

IV

Ele continuava, cortando as frases, martelando as palavras, embriagando-se com o ruído da sua voz...

—Vou congegar uma série de águas fortes... Vais ver... Uma mulher nua, que sae de tina sombra e que sobe, levada sobre as asas de um animal... Reclinada, com as coxas rechonchudas, com pregas de gordura, com rólos de carne ignobil, ostentando um ventre desmedido, um ventre com traços terríveis, um ventre hediondo e verdadeiro... e uma cabeça de morta, mas uma cabeça de morta-viva, compreendes? Ávida, gulosa, toda lábios... Ela sobe, diante de uma assembleia de velhos jardins, de chapéu alto e gravata branca... Ela sobe, e os velhos, inclinando-se para ela, ofegantes, com a boca descalada e babosa, os olhos congestionados... com todos os aspectos da luxúria, todos!...

E, postando-se na minha frente, com ar de desafio, prosseguiu:

—É sabes como eu chamo a isto?... Sabes? Dize!... Chamo-lhe o Amor, meu caro Mintié, Hein? Que te parece?

—Parece-me muito simbólico! — arrisqui em.

—Simbólico! — Interrompeu Lirat.

Dizes um disparate, meu caro Mintié... Simbólico! Mas é a vida!... Vamos jantar.

O jantar decorreu alegre. Lirat dispendeu um espirito encantador, todo cheio de ditos originais sobre a arte e sobre a literatura, sem esforço, sem paradoxos. Tinha readquirido a sua graça sádica, como nos melhores dias da sua vida. Por diferentes vezes, tive ideia de lhe confessar que fôra ver Juliette... Retinha-me, porém, uma espécie de vergonha; não me atrevia.

—Trabalha, trabalha, meu caro Mintié, —dizia-me ele, ao separarmos-nos. — Produzir, sempre produzir... Tirar das mãos ou do cérebro, não importa o que... mesmo que seja um par de botas... ainda não há nada como isso. Vai-te!...

Seis dias depois, voltel a casa de Juliette, e habitei-me aí lá, com toda a regularidade, passar uma hora, antes de jantar. A impressão desagradável, que me havia ficado da primeira visita, tinha-se apagado. Pouco a pouco, e sem que desse por isso, havia-me acostumado tanto as cores vermelhas da saleta, ao Amor de barro, às tagarelices infantis de Juliette, ao próprio Spy, já então meu amigo, que, quando passava um dia sem os ver, parecia fazer-se

um grande vazio na minha existência...

As coisas que tanto me haviam desgostado, não só deixaram de me impressionar mal, mas até, pelo contrário, me enterneciam; e agora, sempre que Juliette conversava com o cão, ou tinha por elle cuidados exagerados, isso era-me agradável, e representava uma confirmação da sua ingenuidade e das qualidades afectivas do seu coração. Acabai mesmo por falar, em também, essa linguagem de cão...

Uma tarde em que Spy parecia sofrer, inquietei-me, e, delicadamente, afastando as coberturas e os chumacões que o envolviam, murmuruei: «Têm acho, coitadinho do Spy... Ora onde tem o acho?»

Apenas a imagem do cómico, surgiu de repente junto de Juliette, perturbava algumas vezes, a paz destas reuniões; mas bastava eu fechar os olhos, um momento, ou voltar a cabeça, para ela desaparecer rapidamente.

Decidi Juliette a contar-me a sua vida. Ela tinha resistido sempre até ali.

—Não, não! —dizia ela.

E acrescentava com um suspiro,

olhando-me com os seus grandes olhos tristes.

—Para quê, meu amigo?

Eu insistia, suplicava;

—Para si, é um dever relevan-ma;

para mim, um dever conhecê-la.

Emfim, vencida pelas razões que eu não cessava de apresentar-lhe, sob forças múltiplas e convincentes, consentiu... Ah! Que tristeza!

Ela habitava em Liverdun. Seu pa-

loira e bonita, entrava sempre do mesmo modo:

—Bom dia, senhor... Bom dia, menina... Não se incomodem, eu

estava sentada, e, todas as noites, entra bêbado... Então, havia escenas terríveis, porque ele era insuportável. O es-

cândalo tomou tais proporções que as irmãs despediram Juliette, não queren-

do em sua casa a filha de um bêbado e dessa depravada mulher... Ah! Que

desgraçada existencial Sempre encerra-

da no seu quarto, sem se atrever a sair,

e, algumas vezes, ainda espancada por seu pai... Uma noite, muito tarde, o

pai entrou no quarto de Juliette e... —

—... como dizer-lhe isto! —exclamava Juliette ruborizada... Sim o senhor comprehende... —Ela saltou da cama, gritou, abriu a janela... e o pai, as-ustando-se, foi-se embora... No dia seguinte, Juliette partiu para Nancy, esperando viver do seu trabalho... Foi lá que co-

nheceu Charles.

Em quanto ela falava, com uma voz suave e sempre igual, eu havia-lhe pe-

gadado na mão, a sua bela mão, que aper-

tava comovido, nas passagens doloro-

sas da narrativa. E insuportava-me contra o pai infame... E malizia a mãe que abandona a filha... Sentia nascer em mim as maiores dedicações e os

maiores desejos de vingança... Quan-

do ela acabou em chorar, e as lágrimas escaldavam-me... Foi uma hora angustiosa!

Juliette recebia pouca gente: os ami-

gos de Malterre, e duas ou três mulhe-

res, amigas dos amigos de Malterre.

Uma delas, Gabrielle Bernier, muito

loura e bonita, entrava sempre do mes-

mo modo:

—Bom dia, senhor... Bom dia, en-

menina... Não se incomodem, eu

estava sentada, e, todas as noites, entra

bêbado... Então, havia escenas ter-

ribes, porque ele era insuportável. O es-

cândalo tomou tais proporções que as

irmãs despediram Juliette, não queren-

do em sua casa a filha de um bêbado e

dessa depravada mulher... Ah! Que

desgraçada existencial Sempre encerra-

da no seu quarto, sem se atrever a sair,

e, algumas vezes, ainda espancada por seu

pai... Uma noite, muito tarde, o

pai entrou no quarto de Juliette e... —

—... como dizer-lhe isto! —exclamava Juliette ruborizada... Sim o senhor comprehende... —Ela saltou da cama, gritou, abriu a janela... e o pai, as-ustando-se, foi-se embora... No dia seguinte, Juliette partiu para Nancy, esperando viver do seu trabalho... Foi lá que co-

nheceu Charles.

Em quanto ela falava, com uma voz suave e sempre igual, eu havia-lhe pe-

gadado na mão, a sua bela mão, que aper-

tava comovido, nas passagens doloro-

sas da narrativa. E insuportava-me contra o pai infame... E malizia a mãe que abandona a filha... Sentia nascer em mim as maiores dedicações e os

maiores desejos de vingança... Quan-

do ela acabou em chorar, e as lágrimas escaldavam-me... Foi uma hora angustiosa!

Juliette recebia pouca gente: os ami-

gos de Malterre, e duas ou três mulhe-

res, amigas dos amigos de Malterre.

Uma delas, Gabrielle Bernier, muito

loura e bonita, entrava sempre do mes-

mo modo:

—Bom dia, senhor... Bom dia, en-

menina... Não se incomodem, eu

estava sentada, e, todas as noites, entra

bêbado... Então, havia escenas ter-

ribes, porque ele era insuportável. O es-

cândalo tomou tais proporções que as

irmãs despediram Juliette, não queren-

do em sua casa a filha de um bêbado e

dessa depravada mulher... Ah! Que

desgraçada existencial Sempre encerra-

da no seu quarto, sem se atrever a sair,

e, algumas vezes, ainda espancada por seu

pai... Uma noite, muito tarde, o

pai entrou no quarto de Juliette e... —

—... como dizer-lhe isto! —exclamava Juliette ruborizada... Sim o senhor comprehende... —Ela saltou da cama, gritou, abriu a janela... e o pai, as-ustando-se, foi-se embora... No dia seguinte, Juliette partiu para Nancy, esperando viver do seu trabalho... Foi lá que co-

nheceu Charles.

Em quanto ela falava, com uma voz suave e sempre igual, eu havia-lhe pe-

gadado na mão, a sua bela mão, que aper-

tava comovido, nas passagens doloro-

sas da narrativa. E insuportava-me contra o pai infame... E malizia a mãe que abandona a filha... Sentia nascer em mim as maiores dedicações e os

maiores desejos de vingança... Quan-

do ela acabou em chorar, e as lágrimas escaldavam-me... Foi uma hora angustiosa!

Juliette recebia pouca gente: os ami-

gos de Malterre, e duas ou três mulhe-

res, amigas dos amigos de Malterre.

Uma delas, Gabrielle Bernier, muito

loura e bonita, entrava sempre do mes-

mo modo:

—Bom dia, senhor... Bom dia, en-

menina... Não se incomodem, eu

estava sentada, e, todas as noites, entra

bêbado... Então, havia escenas ter-

ribes, porque ele era insuportável. O es-

cândalo tomou tais proporções que as

irmãs despediram Juliette, não queren-

do em sua casa a filha de um bêbado e

dessa depravada mulher... Ah! Que

desgraçada existencial Sempre encerra-

da no seu quarto, sem se atrever a sair,

e, algumas vezes, ainda espancada por seu

pai... Uma noite, muito tarde, o

pai entrou no quarto de Juliette e... —

—... como dizer-lhe isto! —exclamava Juliette ruborizada... Sim o senhor comprehende... —Ela saltou da cama, gritou, abriu a janela... e o pai, as-ustando-se, foi-se embora... No dia seguinte, Juliette partiu para Nancy, esperando viver do seu trabalho... Foi lá que co-

nheceu Charles.

Em quanto ela falava, com uma voz suave e sempre igual, eu havia-lhe pe-

gadado na mão, a sua bela mão, que aper-

tava comovido, nas passagens doloro-

sas da narrativa. E insuportava-me contra o pai infame... E malizia a mãe que abandona a filha... Sentia nascer em mim as maiores dedicações e os

maiores desejos de vingança... Quan-

do ela acabou em chorar, e as lágrimas escaldavam-me... Foi uma hora angustiosa!

Juliette recebia pouca gente: os ami-

gos de Malterre, e duas ou três mulhe-

res, amigas dos amigos de Malterre.

Uma delas, Gabrielle Bernier, muito

loura e bonita, entrava sempre do mes-

mo modo:

—Bom dia, senhor... Bom dia, en-

menina... Não se incomodem, eu

estava sentada, e, todas as noites, entra

bêbado... Então, havia escenas ter-

ribes, porque ele era insuportável. O es-

cândalo tomou tais proporções que as

irmã